

Mulheres notáveis na Academia Espírito-santense de Letras

Remarkable Women at the Academia Espírito-santense de Letras

Josina (Jô) Nunes Drumond*

As Academias de Letras, cuja origem remonta à época de Platão (cerca de 400 anos antes de Cristo), até bem pouco tempo eram estritamente reservadas ao sexo masculino. Durante 346 anos, a Academia Francesa – que serviu de modelo à Academia Brasileira de Letras (ABL) – não permitiu a presença do sexo feminino. A primeira mulher a ingressar em seu quadro de imortais, 4 anos após o ingresso de Raquel de Queiroz, na ABL, foi Marguerite Yourcenar, em 1981, exatamente no mesmo ano em que Judith Leão Castello Ribeiro ocupou a cadeira nº 12 da Academia Espírito-santense de Letras (AEL).

Na época de fundação da AEL, 1921, e nos anos subsequentes, havia escritoras capixabas que poderiam ter sido convidadas a integrar tal confraria, mas isso não aconteceu. Por exemplo: Maria Antonieta de Siqueira Tatagiba (1895-1928), Adelina Tecla Correia Lyrio (1863-1938), Ormindá Escobar Gomes (1875-1972),

* Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Escritora. Membro da Academia Espírito-santense de Letras (Cadeira n. 32).

Marly de Oliveira (1989-1990), Mara Stela de Novaes (1894-1990), Haydée Nicolussi (1905-1970), Lydia Besouchet (1908-1997) e tantas outras.

Em 1869, fundou-se, em Vitória, a primeira escola de estudos secundários para mulheres. As meninas aprendiam Gramática, Aritmética, Geografia, História, Francês, piano e trabalhos manuais. O ensino da Literatura era reservado aos meninos. Mulheres não deviam publicar, pois tornar-se-iam malvistas (RIBEIRO, 2010). Daí o número restrito de escritoras com relação ao sexo masculino.

Há frequentes indagações a respeito da existência de duas academias estaduais no Espírito Santo. Certo dia, ao manusear, casualmente, os alfarrábios da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (Afesl), encontrei a ata da sessão preparatória para sua fundação e vislumbrei a possibilidade de descobrir a resposta para tal questão.

Ao folhear o livro, já amarelecido pelo tempo, deparei um impasse assaz intrigante a esse respeito. A primeira informação, que eu desconhecia até então, era a de que a Afesl havia sido criada pela AEL, que até então não permitia o ingresso de escritoras.

Na ata da sessão preparatória, que precedeu a fundação da Academia Feminina (Afesl), o acadêmico Colares Júnior, tendo assumido a direção dos trabalhos em nome da AEL, fez a seguinte alegação: “[...] romper com os preconceitos e admitir a mulher na plêiade de intelectuais da Academia dos homens, seria tolher o direito da mulher de se organizar numa agremiação sua, para destaques de seus valores” (ACADEMIA FEMININA, 1949). Logo após sua fala, concedida a palavra a quem dela quisesse fazer uso, a deputada Judith Leão Castello Ribeiro discordou da restrição feita, mencionando oportunamente as punições sociais em *As sabichonas*, peça teatral de Molière (séc. XVII), na qual se ridicularizava o fato de a mulher tentar transpor os umbrais do templo dos imortais. Alegou que “[...] não se compreende que as academias masculinas interceptem a entrada de elementos femininos, quando a legislação política de todos os países civilizados

concede ingresso à mulher nas assembleias populares” (ACADEMIA FEMININA, 1949). Acrescentou que

[...] o convite dos acadêmicos para se formar uma Academia Feminina era lacunoso, pois deveria ter sido feito para o ingresso na sua própria academia, uma vez que para as cousas do espírito não deve haver ressaibos das limitações feitas à mulher nos tempos de Péricles... (ACADEMIA FEMININA, 1949).

Eurípedes Queiroz do Vale, na época, presidente da AEL, solicitou a palavra e fez uma justificativa pouco plausível, dir-se-ia até mesmo inaceitável, de que a restrição feita à mulher na academia dos homens existia pelo fato de ser difícil a escolha. Finalizando sua peroração, Judith Leão Castello Ribeiro enalteceu ironicamente o mérito que existe, segundo ela, “na elegância de uma resposta que poupa ao interessado o dissabor de conhecer a verdade”. Isso é o que consta em ata datada de 1949. Pois bem, aí está, como diria Judith, a resposta “lacunosa” aos que indagam sobre o assunto.

Como não estamos mais no século de Péricles, nem no de Molière, tive a honra de ser eleita para a Cadeira número 32 da AEL, cuja patrona é Maria Antonieta Tatagiba. Faz-se mister esclarecer que das quarenta cadeiras existentes, a única a ter uma patrona é justamente a que ocupo. Todas as demais foram contempladas com patronos.

Discorrerei rapidamente sobre a atuação de cada mulher que passou pela AEL ou que dela faz parte integrante nos dias de hoje, mas antes disso, gostaria de deixar registrados alguns dados concernentes à minha patrona, Maria Antonieta Tatagiba.

Maria Antonieta Tatagiba

Esta clara manhã que a luz do sol espera
Vibra no riso fresco e azul da primavera.

Maria Antonieta Tatagiba

Patrona da cadeira 32 da AEL, cujo nome de solteira era Maria Antonieta de Castro Siqueira, é também patrona da cadeira 2 da Afesl. Foi a primeira capixaba a ousar publicar seus sentimentos em forma de versos, sem medo de se expor, numa época em que a mulher vivia estritamente para o lar. Nasceu em São Pedro de Itabapoana, ES, aos 17 de setembro de 1895 e faleceu prematuramente, de tuberculose, aos 33 anos.

Maria Antonieta sonhava fazer o curso superior de Farmácia, mas teve que interromper seus estudos por força das circunstâncias. Dedicou-se à leitura de obras literárias e à produção de contos e poesias. Prestou concurso público para o magistério e trabalhou como educadora, assim como Diretora, em São Pedro de Itabapoana. Casou-se com José Vieira Tatagiba, promotor público local, com quem teve 4 filhos (RIBEIRO; AZEVEDO, 2008, p. 243).

Publicou contos e poemas em jornais e revistas do Rio, de Campos e de Vitória. Em 1927, um ano antes de sua morte, reuniu em livro suas produções poéticas, sob o título de *Fruta agreste* (1927), primeira publicação de um livro de poemas de autoria feminina, no Espírito Santo (RIBEIRO; AZEVEDO, 2008, p. 243).



Capa de *Fruita agreste*, retrato de Maria Antonieta Tatagiba e capa de *Alma de flor*, de Karina Fleury.

Segundo Francisco Aurelio Ribeiro, em seu livro *A Literatura no Espírito Santo*, ela “conseguiu projeção literária num universo masculino e machista, por ter-se mantido num código feminino estabelecido pelos homens [...] a autora assumiu um ponto de vista que lhe cabia, naquelas circunstâncias” (2010, p. 59). Destarte, conseguiu entrar para um universo literário restrito aos homens. Como se diz popularmente, ela “dançou conforme a música”.

Isso não aconteceu com a primeira capixaba a publicar um livro em prosa, Guilly Furtado. Aos 24 anos, publicou um magistral livro de contos, intitulado *Esmaltes e camafeus* (1914), no qual deixou registradas, em prosa poética, ideias revolucionárias a respeito da condição da mulher, da infidelidade conjugal, dos anseios sexuais femininos, dos problemas das classes menos privilegiadas, das incongruências religiosas e dos desmandos políticos. Após a publicação, ela se casou com um militar. Não se sabe por que motivo seu livro desapareceu do mercado. Restou um único exemplar depositado pela editora Garnier na Biblioteca Nacional, como era de praxe. Ela viveu mais de 90 anos sem publicar mais um livro sequer (DRUMOND, 2014).

Voltando à patrona da Cadeira 32, mulher ímpar na literatura capixaba na década de 1920, Maria Antonieta teve seus escritos resgatados e reunidos no livro *Alma em flor* (2008), de Karina Fleury, que defendeu uma dissertação de Mestrado sobre vida e obra de minha patrona. Além de ter deixado um legado literário de inestimável valor, Tatagiba tem o mérito de ter sido, como vimos, a primeira poeta capixaba a ter sua obra editada.

Acadêmicas da AEL

Considerando os confrades que já se foram e os que ainda estão na ativa, há uma porcentagem mínima de mulheres na AEL: 13 entre 150 acadêmicos. Entre

essas treze, **apenas** duas presidentes: Maria Helena Teixeira de Siqueira (biênio 2002/2004) e, atualmente, Ester Abreu Vieira de Oliveira (biênio 2020/2021).

Ocupantes, por ordem numérica das cadeiras:

Cadeira n.	Ocupante	Nascimento	Ocupantes
01	Maria Bernadette Cunha de Lyra	1938	6ª oc. Atual
07	Jeanne Figueiredo Bilich	1948	5ª oc. Atual
10	Anna Bernardes da Silveira Rocha	1927-2021	3ª ocupante
12	Judith Leão Castello Ribeiro	1898-1982	3ª ocupante
15	Virgínia Gasparini Tamanini	1897-1990	5ª ocupante
19	Neida Lúcia Moraes	1929	3ª oc. Atual
23	Maria das Graças Silva Neves	1949	3ª oc. Atual
25	Maria Beatriz Figueiredo Abaurre	1937-2013	4ª ocupante
27	Ester Abreu Vieira de Oliveira	1933	4ª oc. Atual
30	Wanda M. B. Capistrano Alckmin	1952	3ª oc. Atual
32	Josina Nunes Drumond	1951	3ª oc. Atual
38	Magda Regina de Castro Lugon	1944	3ª oc. Atual
40	Maria Helena Teixeira de Siqueira	1927-2010	2ª ocupante

Cadeira n. 1

MARIA BERNADETTE CUNHA DE LYRA (1938)



Capa do romance *Ulpiana* e retrato Bernadette Lyra (Foto de Gelson Santana).

A vida de uma mulher é feita de três vidas: aquela que se diz que ela teve; aquela que ela bem poderia ter tido; aquela que ela teve, de fato, e não será conhecida jamais.

Bernadette Lyra

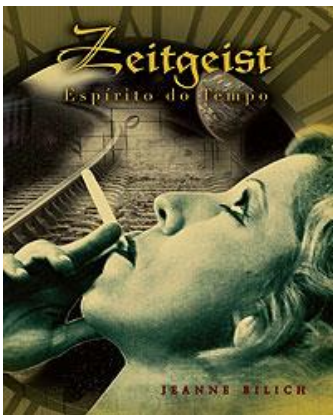
Escritora de ficção e professora de cinema. Em 2016, foi eleita para a cadeira n. 1 da AEL. Nascida em Conceição da Barra, Espírito Santo, no ano de 1938. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), fez mestrado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorado em cinema, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado na Sorbonne, em Paris. Foi professora da Escola de Comunicação e Artes da USP e professora visitante na Universidade do Algarve, em Portugal. Atualmente é professora emérita da Ufes e professora convidada do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Ufes. Foi Secretária de Estado da Cultura do Espírito Santo (1996/1997). Seus livros, sejam de contos ou romances, têm mulheres como personagens centrais. Trata-se de personagens fortes, oriundas da vivência e de circunstâncias histórico-culturais que cercam sua condição de escritora no Brasil: *As contas no canto*

(1981); *O jardim das delícias* (1983); *Corações de cristal ou a vida secreta das enceradeiras* (1984); *Aqui começa a dança* (1985); *A panelinha de breu* (1992); *A nave extraviada* (1995); *Tormentos ocasionais* (1989); *O parque das felicidades* (2009); *A capitoa* (2014); *Água salobra* (2017); *Memória das ruínas de Creta* (2020 [2. ed.]); *Ulpiana* (2019); *Guananira* (2019).

O romance *Ulpiana* foi semifinalista do Prêmio Oceanos de 2020; *Memória das ruínas de Creta*, livro de contos, ficou entre os dez finalistas indicados ao Prêmio Jabuti. Publicou contos e artigos sobre literatura e cinema incluídos em coletâneas brasileiras e internacionais. É colunista quinzenal do jornal *A Gazeta*. Tem trabalhos publicados em revistas e jornais de todo o país.

Cadeira n. 7

JEANNE FIGUEIREDO BILICH



Capa do livro de crônicas *Zeitgeist* e retrato de Jeanne Bilich (Foto sem crédito).

Iconoclasta nasci. Ermitã, asceta, pária e apátrida / ousada ambicionei potentes "olhos de ver". Aos adornos cultuados pela minha espécie / poder, amor, sucesso, dinheiro, honraria, fama / desprezo-os. A todos / Cultuei unicamente o saber.

Jeanne Bilich

Nascida no Rio de Janeiro, em 1948, está radicada no ES desde o início dos anos de 1960. É jornalista, radialista e advogada. Tem Mestrado em História Social das Relações Políticas, pela Ufes. Trabalhou no jornal *A Gazeta* (de 2017 a 2015), TV Gazeta, TV Educativa e TV Vitória, na Rádio Espírito Santo, na rádio Gazeta AM e na rádio CBN. Estreou na mídia eletrônica, em 2000, como colunista do jornal eletrônico *Século Diário*. Foi assessora de comunicação da Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Foi cronista do jornal *A Gazeta* durante muitos anos. Em 2013 foi eleita para a Cadeira n. 7 da AEL. Recebeu diversas premiações ao longo da carreira jornalística. Publicou sua dissertação de mestrado, *As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida: o cinema como mundo, a arte como universo* (2005); suas crônicas, *Zeitgeist - espírito do tempo* (2009), *Viajantes da nave tempo* (2013). Escreveu também diversos artigos e ensaios para sites, coletâneas e livros.

Cadeira n. 10

ANNA BERNARDES DA SILVEIRA ROCHA (1927-2021)



Capa de *Escola de 1º grau* e retrato de Anna Bernardes (Foto sem crédito)

[...] busca-se entender o que é moderno em educação e qual deve ser a inspiração para a escola do terceiro milênio.

Anna Bernardes

Anna Bernardes da Silveira Rocha nasceu em Vila Velha, ES, em 1927, onde morreu em 2021. É licenciada em Pedagogia, pela Ufes, e fez Mestrado em Livre Docência pela Universidade de Goiás, na área de Educação. Foi professora em diversos graus de Ensino durante vários anos. Exerceu vários cargos em Brasília e no Espírito Santo, onde foi Secretária Estadual de Educação e Presidente do Conselho Estadual de Educação. Representou o Brasil em várias participações internacionais. Tem como patrono, na AEL, o padre José de Anchieta. Publicou *A escola de primeiro grau*, em coautoria ([s. d.]); *Entrevista* (1981); *Contrato tarefa* (1981); *Interrogatório* ([s. d.]), além de artigos em vários jornais e revistas.

Cadeira n. 12 JUDITH LEÃO CASTELLO RIBEIRO



Capa de *Presença* e retrato de Judith Leão Castello Ribeiro (Foto sem crédito).

Era o céu uma paleta de pintor descuidado,
desperdiçado de tintas.

Judith Leão Castello Ribeiro

Foi a primeira mulher a ingressar na AEL, em 1981. Nasceu na cidade da Serra, ES, em 1898, e faleceu no Rio de Janeiro em 1982. Diplomada pelo Colégio do Carmo, lecionou por mais de 40 anos no Ginásio de São Vicente de Paulo, e,

durante 18 anos como catedrática, na Escola Normal Pedro II, em Vitória. Tendo ingressado na política, foi eleita para a Assembleia Legislativa do ES, em 1947. Reeleita sucessivamente, exerceu mandato público durante 16 anos, por quatro legislaturas. Colaborou intensamente em jornais, revistas e emissoras de rádio. Publicou crônicas, palestras, discursos, comentários históricos e relatos sobre a vida social do município da Serra. Foi agraciada pelo Governo do Estado do ES com a Ordem do Mérito Jerônimo Monteiro, no grau de comendadora.

Na Escola Normal Pedro II, já mostrava vontade de transformar a realidade social na qual estava inserida. Visando, entre outras coisas, estimular o aprimoramento cultural de seus alunos, fundou o Museu Pedagógico (entre 1930 e 1946, na Escola Normal Pedro II), além de dar início à publicação da *Folha Escolar*, jornal de circulação interna das classes primárias, na Escola Normal Pedro II (1930-1946). Criou também o Bureau de Correspondências (Escola Normal 1930-1946), que garantia o intercâmbio entre as normalistas capixabas e os alunos de outros Estados e países. Estabeleceu, além disso, uma hora destinada à "Iniciação Literária e Musical", assim como uma outra para "Cultura e Arte".

Escrevia, periodicamente, artigos para o jornal *Diário da Manhã* e para as revistas *Vida Capixaba*, *Channaã*, *Revista do DSP*, *Revista da Educação*, quase todas editadas pelo Estado do Espírito Santo. Publicou, ainda, crônicas e relatos da vida social do município da Serra, no Jornal *A Gazeta*. Em 1980, por fim, publicou o livro *Presença*, uma coletânea de vários trabalhos e crônicas, que de certa forma sintetiza muitas das discussões que permearam a sua vida.

Em 1949, fundou e tornou-se a primeira presidente da Afesl. Em 1949, ingressou na Associação Espírito-santense de Imprensa (Aesi). Além disso, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Espírito Santo (IHGES) e membro da Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras de Goiás.

Cadeira n. 15
VIRGÍNIA GASPARINI TAMANINI



Capa de *Karina* e retrato de Virginia Tamanini (Foto sem crédito).

Você conhece Vitória? / venha ver/ que vai
gostar / É uma ilha bonita / com seu penedo
gigante /se alevantando do mar.

Virginia Tamanini

Filha de imigrantes italianos, nasceu na fazenda Boa Vista, no vale de Canaã, município de Santa Teresa, ES. Criada em fazenda, aprendeu as primeiras letras e adquiriu alguns conhecimentos equivalentes ao ensino elementar da época, com professores particulares. Mais tarde, prosseguiu os estudos no Rio de Janeiro, sob a orientação de seu irmão Américo, que cursava a Faculdade Nacional de Direito. Ao final do segundo ano, interrompeu seus estudos por motivo de força maior, regressando à casa paterna. Autodidata persistente, Virgínia dedicava os momentos de lazer ao estudo e à leitura. Ainda muito jovem, escreveu um romance folhetim *Amor sem mácula*, entre 1922 e 1923, publicado em capítulos semanais no jornal *O Comércio*, de Santa Leopoldina, usando o pseudônimo de Walkyria. Produziu em 1929, 1930 e 1931 as peças teatrais: *Em pleno século vinte*, *Amor de mãe*, *Filhos do Brasil*, *O primeiro amor* e *Onde está Jacinto?*

Atuou na organização da Primeira Quinzena de Arte Capixaba, realizada em Vitória, em 1947. No mesmo ano adaptou, encenou e dirigiu, no Teatro Carlos Gomes, a peça francesa *Cristina da Suécia*. Em 1948, montou e dirigiu outra peça francesa, *Atala, a última druidesa das Gálias*. Pertenceu às seguintes entidades culturais: Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, como patrona da cadeira n. 3; Associação Espírito-Santense de Imprensa; sócia-correspondente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Recebeu o título de cidadã honorária de várias cidades capixabas, e é nome de rua em Ibirapu-ES. Foi agraciada com a Ordem do Mérito Marechal José Pessoa, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, no grau de comendadora. Publicou os romances *Karina* (1964); *Estradas do homem* (1977); *Seiva* (1982); as peças de teatro *Em pleno século vinte* (1929); *Amor de mãe, Filhos do Brasil, O primeiro amor e Onde está Jacinto* (1930-1931); os livros de poesia *A voz do coração* (1949); *O mesmo amor nos nossos corações* (1949). Seus poemas estão reunidos no volume *Marcas do tempo*.

Cadeira n. 19
NEIDA LÚCIA DE MORAES



Capa de *A fúria do vento* e retrato de Neida Lúcia de Moraes (Foto sem crédito).

Dizem que em cada frase que escrevemos
De nosso coração se vai um pouco
Que de cada miragem que entrevemos

Uma parte de nós se vai em troco.

Neida Lúcia de Moraes

Foi a segunda mulher a ingressar na AEL. Nasceu em Vitória, ES, em 1929. Desde menina revelou inclinação pelas letras, escrevendo histórias infantis e poemas. Diplomou-se em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e tem dedicado seus estudos a um aprofundamento contínuo dos fatos que marcaram o conjunto da História das Civilizações, sempre buscando o aprimoramento em História do Brasil, causas, consequências e interligações com os acontecimentos do seu Estado natal.

Neida Lúcia foi professora do Centro de Estudos Gerais da Ufes e ocupou cargos de destaque na administração pública, como o de diretora do Departamento de Cultura da Secretaria de Estado da Educação, diretora da Biblioteca Pública Estadual, Chefe da Divisão de Ciências Humanas e Literatura do Departamento Estadual de Cultura. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura. É membro do IHGES e também sócia da Sociedade portuguesa de Estudos do Século XVIII.

Romancista de sucesso, costuma abordar a História como pano de fundo do seu trabalho ficcional. Seus romances atingem edições sucessivas e já são traduzidos em países europeus. Colecionadora de títulos, diplomas, prêmios nacionais e internacionais, é constantemente convidada para ministrar cursos e proferir palestras no exterior. Publicou os romances *Olhos de ver* (1967), premiado pelo Instituto Nacional do Livro; *Sete é número ímpar* (1972); *O mofo no pão* (1984), traduzido para o romeno, lançado em Bucareste; *O sentido de distância* (1985); *Simbiose* (1985); *A fúria do vento* (2019) e os estudos historiográficos *O Espírito Santo é assim* (1971); *Espírito Santo, esta é a sua terra no Brasil*; *Atlas escolar do Espírito Santo* (1997); *Novo atlas escolar do Espírito Santo* (1997); *A saga do Espírito Santo* (2000), publicação em sete fascículos em comemoração aos 500 anos do descobrimento do Brasil; *Das caravelas ao século XXI: a saga do Espírito Santo* (2000); *Espírito Santo: história de suas lutas e conquistas* (2010); *Grandes*

nomes do Espírito Santo: Cícero Moraes (2010); À sombra do holocausto (2010), junção dos dois livros anteriores, traduzido para inglês e espanhol.

Cadeira n. 26
MARIA DAS GRAÇAS SILVA NEVES



Capa de *Sibila e a escada musical* e retrato de Graça Neves (Foto sem crédito).

Resta o silêncio. Lágrimas cristalizadas
à guisa de flores dissolvidas em pétalas de abandono.

Graça Neves

Nasceu em Pancas, aos 02 de agosto de 1949. Graduiu-se em Licenciatura de Educação Artística / Habilitação em Música pela Unirio. Graduiu-se em Piano e Canto pela Escola de Música da UFRJ. Fez Especialização em Educação Musical e Aperfeiçoamento em Piano, no Conservatório Brasileiro de Música RJ.

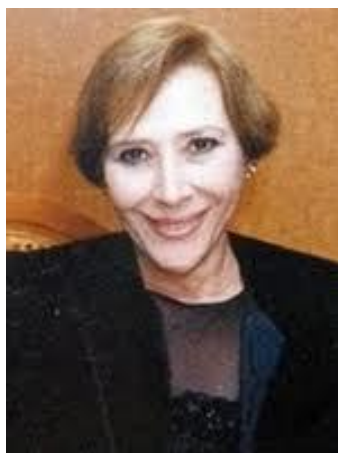
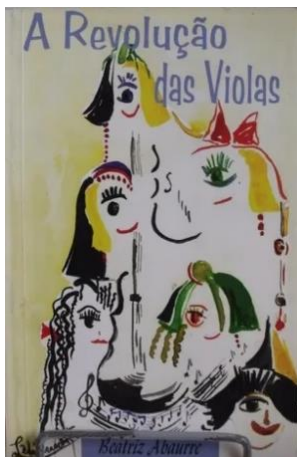
Presidenta de honra da Afesl; fundadora da Acris (Associação Cultural Ricardina Stamato); diretora-presidente do Centro Musical Villa-Lobos; membro titular da Academia Nacional de Música; membro do IHGES.

Professora emérita da Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames) (2007), diretora artística do projeto "Cultura na Escola - Série Concertos Internacionais"

(2010/2015) e crítica de música erudita do jornal *A Gazeta* (1978/1979). Publicou *Graça que graça, a vida* (1990); *Variações sobre o mesmo tempo* (1996); *Sibila e a escada musical* (1996); *Coral dos ventos* (1996); *Trevo de quatro folhas* (1998 - parceria); *Viveiro do silêncio - Le vivier du silence* (2000 – edição bilíngue); *Artes e Letras capixabas* (2003 - organização); *Trilogia musical* (2004 - organização); *Letras capixabas em Arte* (2009 - organização); *O Folclore na Educação musical*.

Cadeira n. 25

MARIA BEATRIZ FIGUEIREDO ABAURRE



Capa de *A revolução das violas* e retrato de Beatriz Abaurre (Foto sem crédito).

Em suas incansáveis e solitárias peregrinações, contava apenas com sua juventude e com uma personalidade inquieta e excêntrica.

Beatriz Abaurre

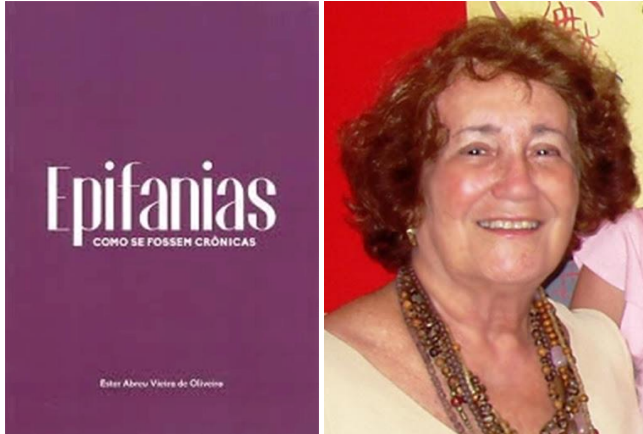
Nasceu em Londrina, PR, no dia 31 de agosto de 1937 e faleceu em 14 de junho de 2013. Graduada em piano, pela Escola de Música do Espírito Santo (Emes), fez diversas especializações na área da Música e da Cultura. Era também escritora, trovadora, poeta e dramaturga, autora da peça teatral *Os inconfidentes*

(1970). Venceu o concurso literário promovido pelo jornal *A Gazeta*, com o conto “Era uma vez”. Foi membro do Clube dos Trovadores e venceu vários concursos de trovas.

Pianista, violonista da Orquestra de Câmara da Emes, violista-spalla da Orquestra de Câmara da Ufes e violista da Orquestra Filarmônica do ES. Foi presidente da Fundação Cultura do Espírito Santo, diretora cultural do Departamento Estadual de Cultura. Foi pós-graduada pela Ufes em Estudos Literários e pertenceu ao IHGES. Vencedora de vários concursos literários capixabas, publicou crônicas e ensaios diversos em jornais e revistas do Espírito Santo: *A revolução das violas* (infanto-juvenil, 1997); *Joaquim e seu flautim* (infanto-juvenil, 1998); *A jiboia que virou trompa* (infanto-juvenil, 1988); *Gritos sem resposta* (poesia, 1999); *A metapoesia na obra infantojuvenil de Carlos Nejar* (ensaio, 2001); *Geografia afetiva de uma ilha* (obra premiada no 3º concurso literário Nelson Abel de Almeida, 2002); *Enquanto seu lobo não vem* (contos, 2005); *O jogo da velha* (2005); *Mensagem a Saturno* (contos e crônicas); *As folhas da figueira* (romance); *A metaficção histórica no romance Cotaxé de Adilson Vilaça* (monografia transformada em livro pelo IHGES); *A história da Cultura Capixaba através de seus órgãos oficiais* (ensaio). No ano de 2012, Maria do Carmo Marino Schneider lançou uma obra biográfica intitulada: *Beatriz Abaurre: um ícone da cultura capixaba*.

Cadeira n. 27

ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA



Capa de *Epifanias* e retrato de Ester de Oliveira (Foto sem crédito).

A lauda branca silenciosamente convida ao
brinde azul das incógnitas de luz.

Ester de Oliveira

Cidadã vitoriense, nascida em Muqui – ES (1933). É Graduada e Bacharel em Letras Neolatinas pela Ufes. Tem vários cursos de Especialização em língua e literatura espanhola. Mestre em Letras Português pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); doutora em Letras Neolatinas pela UFRJ e pós-doutora em Filologia Espanhola pela Universidade Nacional de Educação à Distância de Madri (Uned). É Membro do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Letras da Ufes, como professora voluntária. Atua na área de teatro, poesia, narrativa das literaturas hispânica, brasileira e espanhola, e também como pesquisadora. É atual presidente da AEL (gestão 2019-2022). Pertence também à Afesl, ao IHGES, à Associação de Professores de Espanhol do Espírito Santo; à Associação Brasileira de Hispanista, à Asociación Internacional de Hispanista, à Asociación Internacional del Teatro Español y Novo Hispano – AITENSO, e à Associação Brasileira de Professores de Espanhol. É citada em obras de autores nacionais e internacionais e em dicionários literários.

Seus textos foram traduzidos para o árabe (marroquino), inglês, italiano, francês, espanhol e pomerano. É professora emérita da Ufes e tem o seu nome no edifício do Núcleo de Línguas dessa instituição. Sua produção como escritora consta de livros didáticos, infantis, de tradução, de poesia, de crônicas e de ensaios. Publicou, entre várias obras, livros infantis como *O lagarto amedrontado* (2018); *Uma família feliz* (trilíngue, 2019); livros de poemas: *Salmos de inquietação e eclosão do ser* (2006); *Inesperadas canciones* (2016); livros de crônicas: *Recordações de Muqui – Cidade menina* (2011); *Epifanias como se fossem crônicas* (2020), além de participação em várias antologias nacionais e internacionais com contos, poemas e crônicas, e em diversas publicações também em jornais, revistas, anais, CDs e sites.

Cadeira n. 30

WANDA MARIA BERNARDI CAPISTRANO ALCKMIN



Capa de *Resgate - Rescate* e retrato de Wanda Alckmin (Foto sem crédito).

Sou metade mar, metade montanha.

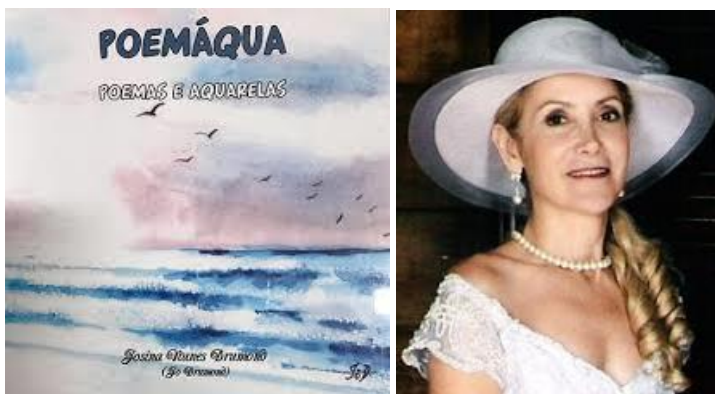
Wanda Alckmin

Mineira, natural de Belo Horizonte, MG. Radicada em Vitória há mais de 40 anos. Por sua constante atuação acadêmica e literária no nosso estado, recebeu o título de Cidadã Espírito-santense, pela Assembleia Legislativa do Espírito Santo. É poeta e educadora de arte.

Possui 17 obras literárias publicadas: poesias, contos, haikais, histórias infantis e infanto-juvenil. Publicou dois livros bilíngues: *Resgate-Rescate* (haikai em português e espanhol); *Canzoni d'amore* (poesia em português e italiano). Participou de várias antologias no Estado e fora dele. Tem publicação, em braile, de poemas-oração, *Entrelaço*. É membro do IHGES, membro correspondente da Academia Mateense de Letras, membro do Clube de Trovas de Cariacica e Membro da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias de Brasília. Entre prêmios recebidos, destaque para o Primeiro Lugar em Concurso de Âmbito Nacional na Categoria Conto, "O rapaz e a concha".

Com várias condecorações, destacam-se a Comenda Cecília Meirelles e a Comenda Elza Cunha, com o título "A Poetisa que Canta o Mar", pois Wanda Alckmin é a poeta do nosso Estado que mais publicou poesias em louvor ao mar.

Cadeira n. 32 JOSINA NUNES DRUMOND



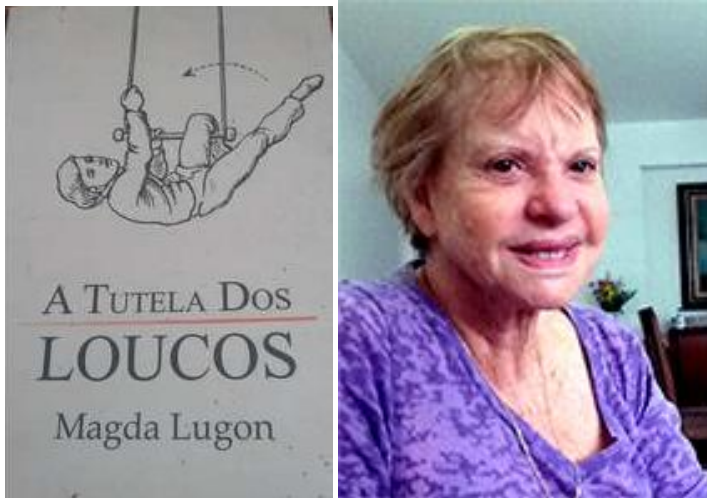
Capa de *Poemáqua* e retrato de Jô Drumond (Acervo da autora).

Com fios de liberdade / teceu sua teia de vida /
E nessa tessitura / aprisionou-se até o fim.

Jô Drumond

Nasceu na fazenda Charneca (MG). Está radicada em Vitória desde 1988. É professora aposentada, tradutora juramentada do ES desde 1990, pesquisadora, poeta, escritora e artista plástica. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Artes Plásticas pela Ufes. É mestra em Estudos Literários (Ufes), doutora em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pós-doutora em Literatura Comparada (UFMG). Estagiou na Universidade de Sorbonne, Paris, e, por três vezes, na Universidade Franche-Comté, na França. Traduziu para o francês os livros *Le vent de l'autre nuit*, do poeta Marien Calixte, e *Viveiro do silêncio*, de Graça Neves. Entre 2005 e 2020, publicou dezoito livros, sendo três de poemas (*Charneca; Filigranas poéticas; Poemáqua*), sete de ensaios literários (*Solimultidão; Narciso Araújo - o solitário de Itapemirim; As trilhas da derrisão, as dobras do sertão; Ecos do sertão; Retratos e Camafeus; As neblinas da travessia*) e oito livros de contos e crônicas (*Memória peregrina; Tearte; Trancelim; O vau da vida; Deslimites; Cibersolidão; Diálogo das formas, nas asas do sertão*). Publicou textos em coletâneas, organizou antologias, como *Textos e tramas, Ecos da terra capixaba, Clepsidra*, participou de dezenas de antologias, além de publicações em jornais, revistas científicas, anais de congressos nacionais e internacionais. Membro de três academias de Letras: AEL, Afesl e Afemil, do IHGES e do Conselho Estadual de Cultura (2 biênios). Pertenceu ao comitê administrativo da Aliança Francesa de Vitória (diversos biênios).

Cadeira n. 38
MAGDA REGINA DE CASTRO LUGON



Capa de *A tutela dos loucos* e retrato de Magda Lugon (Foto sem crédito).

Sem medos sem guizos / Desmascaro minha
dor / Gargalho sorrisos.

Magda Lugon

Magda Regina de Castro Lugon nasceu no município de Vila Velha (ES), em 13 de junho de 1944, filha de Carlos José Lugon e Olga Castro Lugon. Graduada e Pós-graduada em Direito do Estado na Universidade Federal do Espírito Santo, foi professora primária e universitária, advogada, promotora de justiça e magistrada no ES. Pertence, além da AEL, à Afesl. É membro correspondente da Academia Cachoeirense de Letras – ACL. Atuou no Conselho Estadual de Defesa do Consumidor e do Conselho Estadual de Cultura. É membro permanente da Comissão Nacional para Encontros de Justiça e Saúde Mental. Membro do Biogepe - Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Políticas Públicas, Direito à saúde e Bioética. Premiações: 1º lugar no Concurso Literário DEC/ES e 3º lugar no Concurso Mundial de Haikais em Beijing, na China; Prêmio Nacional de Defesa de Direitos Humanos. Recebeu os títulos de Cidadã Honorária de Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, Domingos Martins, Marechal Floriano, Nova Venécia e Muqui.

Publicou *A pequena flor* (diálogos poéticos, com 2ª edição em português-francês); *Os limites do reino* (haicais, traduzido para o japonês); *Em sustenido maior* (contos); *As faces de Proteu* (sonetos em parceria com Evandro Moreira); *Janelas* (sonetos, 1º lugar no Concurso Literário DEC/1995); *A Tutela dos loucos* – frutos pródigos de Cronos; *Somas* (sonetos); *Nuage rouge* (haicais) – no prelo; *Le livre de haicais* – em francês, no prelo. Participou em coletâneas como *Sociedade dos Poetas Vivos*, volume XI (poesias); *Escritos de Vitória* n. 12; *Varal de Poesias* – várias edições; Catálogo 2009 *Letras Capixabas e Arte*, organizado por Graça Neves.

Cadeira n. 40

MARIA HELENA TEIXEIRA DE SIQUEIRA



Capa de *O gato que desejava ser rato* e retrato de Maria Helena Teixeira (Foto sem crédito).

Na longa caminhada em chãos incertos,
vou deixando para trás as certezas da estrada.
Confundo-me em horizontes desconhecidos.

Maria Helena Teixeira

Nasceu em Porto Alegre, RS, em 1927. Bacharel em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e em Direito pela Ufes. Professora de Português e Espanhol. Membro do IHGES e da Associação

Espírito-Santense de Imprensa (Aesi). Especialista em literatura infantojuvenil. Cronista, poeta e crítica literária. Publicou *O gato que desejava ser rato* (1991); *Joaninha faceira* (1992; 1999, edição bilíngue português e espanhol); *Ora bolas* (1996); *A céu aberto* (2000, edição bilíngue português e italiano); *Janelas abertas* (2006, crônicas e memória). Organizou, com Miguel Marvilla, a coletânea em verso e prosa de escritores radicados no Espírito Santo, *Alguns de nós* (2001). Tem trabalhos publicados em jornais, revistas e antologias. Foi a primeira mulher a ser eleita para a presidência da AEL (mandato 2002/2004). Faleceu em Vitória, em 2010.

Referências:

ACADEMIA Feminina Espírito-santense de Letras. Ata manuscrita da sessão preparatória para sua fundação. In: _____. *Livro de atas da Afesl*. Vitória: Afesl, 1949.

ACADEMIA Feminina Espírito-santense de Letras. *Vozes e perfis*. Vitória: Artgraf, 2002.

ACADEMIA Espírito-santense de Letras. *Patronos e acadêmicos*. Disponível em: <http://www.ael.org.br/patronos_e_academicos/pagina_1.html>. Acesso em: 4 jun. 2021.

ACADEMIA Espírito-santense de Letras. *Patronos & acadêmicos*. Serra: Secretaria Municipal de Cultura, 2014.

ACADEMIA Espírito-santense de Letras. *Patronos & acadêmicos*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2019.

DRUMOND, Josina Nunes. *Esmaltes e camafeus*: retratos de mulher. Vitória: Opção, 2014.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A literatura do Espírito Santo*: ensaios, história e crítica. Serra: Formar, 2010.

RIBEIRO, Francisco Aurelio; AZEVEDO, Thelma Maria (Org.). *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*. Serra: Formar, 2008.